

O Estado de S. Paulo

15/1/1985

GREVE DOS BÓIAS-FRIAS

A ação política comanda os protestos

Do enviado especial

Mais do que uma simples luta de classe por melhores condições de vida dos trabalhadores rurais, a greve dos 30 mil bóias-frias da região canavieira de Ribeirão Preto (com 1,8 milhão de habitantes), que durou dez dias, teve como pano de fundo uma declarada disputa político-ideológica pela liderança sindical na área rural mais importante do País (a região produz 35% das 42,7 milhões de toneladas dos produtos agrícolas do Estado de São Paulo), envolvendo, principalmente, o Partido dos Trabalhadores que quer ampliar sua atuação, até agora restrita aos centros industriais (sobretudo no ABC), conquistando posições no campo e entidades classistas, antagônicas, que desejam o comando de todo o movimento sindical nacional. Nessa disputa, de um lado esteve a CUT-Central Única dos Trabalhadores, liderada pelos metalúrgicos do ABC e ligada ao PT e Igreja Progressista, e de outro o Conclat — Congresso Nacional da Classe Trabalhadora, liderada pelos metalúrgicos de São Paulo e composta por membros do PMDB e de Partidos não oficiais. Essa luta por um comando único dos trabalhadores brasileiros sempre esteve presente nas manifestações dos operários nos centros urbanos e agora chega ao meio rural. O primeiro confronto é registrado na região de Ribeirão Preto, especialmente em Guariba.

Por mais que o desemprego atinja milhares de bóias-frias na região e as condições de vida dos 300 mil habitantes da zona rural de Ribeirão Preto sejam precárias (os trabalhadores ganham menos de 10 mil cruzeiros por dia trabalhando das 6 às 19 horas), a greve dos cortadores de cana de Guariba não foi deflagrada (no último dia 4) por essa razão, mas sim para exigir a recontração de 13 trabalhadores rurais demitidos da Usina de Açúcar e Alcool São Martinho — a maior do País — ligados ao PT e à CUT, em represália ao fato de pretenderem criar um sindicato de trabalhadores rurais em Guariba (o município pertence à base territorial do sindicato de Jaboticabal).

A CUT e o PT passaram a pensar na criação de um sindicato em Guariba durante a primeira greve e revolta dos bóias-frias do município, em maio do ano passado (quando destruíram as instalações da Sabesp). Nesse movimento, a liderança do trabalhador José de Fátima, bóia-fria do Jardim João de Barro, em Guariba, despontou. E logo foi transformado em presidente do PT na cidade e escolhido para ser o líder de um novo sindicato, sob controle da CUT.

Em setembro último, um grupo de bóias-frias reuniu-se numa assembléia em Guariba para fundar o Sindicato dos Trabalhadores Rurais da cidade e uma chapa formada por 13 pessoas, encabeçada por José de Fátima, venceu, contando com a ingenuidade do presidente do Sindicato Rural (patronal), José de Laurentis, que incentivou a formação do sindicato, oferecendo até um prédio para a entidade instalar-se, pois julgava que a chapa por ele indicada venceria e assim teria todos os trabalhadores sob suas rédeas.

A documentação para a formação do novo sindicato foi, então, encaminhada à subdelegacia do Ministério do Trabalho em Ribeirão Preto, já com a indicação da diretoria provisória, da qual José de Fátima era o presidente. Tudo indicava que o PT teria um dos primeiros sindicatos rurais sob o seu controle, através da CUT, presidida pelo metalúrgico Jair Meneghelli, de São Bernardo do Campo. Mas, sabendo que perderia uma importante base, a Fetaesp — Federação dos Trabalhadores da Agricultura do Estado de São Paulo —, favorável ao Conclat (presidido pelo metalúrgico Joaquim dos Santos Andrade, do sindicato de São Paulo), que

tinha Guariba sob seu controle, através do Sindicato de Jaboticabal, começou a apontar irregularidades na formação do novo sindicato.

Assim, a Fetaesp, que não concorda com os métodos da CUT, segundo confirma o presidente da federação, Roberto Horigutti, desaprovou o novo sindicato, dizendo que dois terços dos sindicalizados de Guariba ao sindicato de Jaboticabal não estavam presentes à assembléia que escolheu os diretores do órgão e dos 13 nomes da chapa eleita, um dos escolhidos para o conselho fiscal era analfabeto, impedido legalmente de funcionar. Até aí, o Conclat vencía e a CUT perdia, pois o sindicato de Guariba ainda não foi reconhecido pelo Ministério do Trabalho.

O ESTOPIM DA GREVE

Paralelamente, o bóia-fria José de Fátima já intitulava-se presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais e passou a fazer reivindicações aos usineiros da região como tal enviando uma enérgica carta à Usina São Martinho, com sede em Pradópolis onde trabalhava, exigindo melhores condições de vida para os sete mil trabalhadores rurais dessa destilaria. Considerado indesejável na empresa e sem imunidade sindical, José de Fátima foi demitido por justa causa no dia 10 de dezembro, e os outros 12 membros da chapa diretiva do novo sindicato, também funcionários da Usina São Martinho, foram dispensados no último dia 2, uma quarta-feira.

José de Fátima procurou José de Laurentis, que temendo novos conflitos em Guariba, à exemplo do ano anterior, prometeu, sem consultar a Usina São Martinho a readmissão dos 13 sindicalistas, desde que a greve fosse suspensa. Ambos formalizaram o acordo, que previa ainda a estabilidade no emprego dos bóias-frias, na segunda-feira, dia 7. E a greve, assim, terminaria.

Mas a Usina São Martinho não autorizou o acordo e de Laurentis foi então obrigado dizer que houve um mal-entendido. Os bóias-frias então intensificaram a greve em Guariba, fazendo piquetes.

Nessa altura, chega à cidade Helio Neves, presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Araraquara e diretor da Fetaesp, que se engajou na coordenação da greve, para não permitir o controle do movimento pela CUT.

Estava declarada a intensa disputa pelo "poder no campo". A CUT pediu reforço aos sindicalistas do ABC e para lá seguiram vários membros do PT de Santo André e São Bernardo do Campo e inclusive Osvaldo Bargas, secretário-geral da CUT e diretor cassado do Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo, um dos organizadores das históricas greves dos metalúrgicos do ABC em 80. Inferiorizado, os simpatizantes da Conclat também se organizaram e seguiram para a região Roberto Horigutti, presidente da Fetaesp e seus assessores.

Para mostrar mais força do que a CUT, os dirigentes da Fetaesp, com o controle dos sindicatos da região, declararam a greve em várias outras cidades (Sertãozinho, Barrinha e Jaboticabal) e instalaram seu comando de greve em Barrinha, pois em Guariba estavam sendo rechaçados pelo PT.

E o presidente da Fetaesp aproveitou para manifestar suas idéias: "Lutamos para unificar todos os trabalhadores, pois entendemos que só uma reforma agrária solucionará os problemas nacionais. São Paulo tem 16 milhões de hectares de latifúndios, que se distribuído em 30 hectares para cada família, daria para abrigar 500 mil trabalhadores, o mesmo número de desempregados".